

Fundadores: Anibal de Moraes, Manuel Vaz de Miranda e Dr. José Arroio.

Redacção, Administração e Oficinas AVENIDA DOS ALIADOS, 144, 143. Telefones:

P. B. X. 7313 7314 7315, Estado, 16. Filial em Lisboa: Rua da Misericórdia, 17-1.º andar. Telefone: 22 269. Estado 325. Endereço telegráfico: NOTÍCIAS - Porto. Editor: CARLOS ROCHA

JOP

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Duarte Pacheco

27. 11. 1963

Assisti ao funeral de Duarte Pacheco. Foi imponente na sua grandiosa simplicidade.

Que fez em vida este homem, tão novo ainda, para que a sua morte houvesse de ser chorada como perda nacional?

Ele era inteligente. O seu olhar de águia chegava longe e atingia ao largo.

Ele era trabalhador. Dia e noite — que a noite para ele também era dia — não houve intervalos no seu esforço.

Ele era dinâmico. Ninguém ao pé dele se sentia fraco, que a sua enérgica decisão era capaz de galvanizar até a própria cobardia.

Ele era um chefe. A sua roda formou um escol de funcionários que o serviam e seguiam com devoção nessas grandes realizações nacionais que não de ser a glória perene do seu nome.

Mas acima disto tudo, mais valiosa do que tudo isso, Duarte Pacheco teve uma rara qualidade: sabe servir.

De tudo quanto se escreveu e se disse desta vida, que a morte traiçoeiramente roubou, ficará na memória nacional a gratíssima recordação do seu exemplo — o exemplo de ter servido com inteligência, com valor, com energia, com devoção.

Ele era este afinal o dever de todos nós.

Recorda-me de, há anos, numa reunião de operários, ter lançado a pergunta: «porque razão trabalhas tu?»

Todos responderam. Ninguém acertou, porém. E houve respostas neste tom de arrepiar: «trabalho por que sou pobre».

Se fosse a interrogar os industriais, os comerciantes, os funcionários públicos, raras saberiam responder de outra maneira: «trabalho por necessidade de viver».

De facto, a observação ensina-nos que aquêle que exerce uma industria não procura aquêla para que tenha mais competência e onde podia melhor servir o bem comum, mas a que lhe promete melhor lucro. O que se lança na vida comercial, não a procura por ser ali que melhores serviços poderá prestar à Pátria, mas por lhe parecer que será aquêlo o mais curto caminho da riqueza. O que procura um emprêgo nos Serviços Públicos não cura dele para melhor servir o público, mas para garantir, sem grandes preocupações, o seu futuro. A própria liberdade de concorrência, que tantas exaltam como fonte de maior progresso, só é seguida enquanto fornece mais abundantes benefícios particulares, pois que, se o lucro está em perigo, logo a livre concorrência se transforma em coligação. E quantas vezes se não viu submeter o interesse comum ao capricho ou bem-estar dum só?

Cada um vive como se a arte de viver consistisse precisamente em tirar o melhor partido possível dos bens de cada qual. Os que assim não procedem, deles se costuma dizer até que não sabem levar a vida.

E' assim a sociedade moderna em todas as nações. Luta de homens uns contra os outros, de povos contra povos, de continentes contra continentes. A paz, com mentalidades destas, não poderá nunca existir. Os períodos de acalmia entre guerras serão apenas tempos de preparação para guerras cada vez maiores.

Foi precisamente porque conhecia a raiz de todos os males, que lançou Cristo o repto divino: «amai-vos uns aos outros». O que nós poderíamos traduzir nesta frase do Apóstolo: «auxiliai-vos e servi uns aos outros e assim cumprireis a lei de Cristo».

Aquêles dos operários que continuaram as reuniões e os que depois se lhes vieram juntar, já sabem hoje, ao contacto com o Evangelho, a razão porque trabalhavam. E' animal a mesma daquêle garoto que carregava argamassa como servente de pedreiro nas obras duma nova Sé:

—Que fazes tu? —preguntaram-lhe.

—Uma Catedral!

A vida não é vivida isoladamente. Tudo devemos do que somos aos que passaram, e aos que vivem connosco. E esta dívida só a podemos saldar, dando o que somos aos que connosco vivem e aos que não de vir. Cada um, conforme é, se trabalha, controla o progresso, faz viver e engrandecer a Nação.

E nisto está a fundamental razão do trabalho, seja êle qual for. O lucro ou benefício individual que dele se retira, não é nem deve ser outra coisa senão a recompensa do bem colectivo que se realiza, e na medida em que se realiza.

Não se trabalha, portanto, porque se é pobre ou se precisa de viver. Trabalha-se porque cada um deve ao bem comum o seu esforço total.

Compreendessem os homens estas noções fundamentais da vida em sociedade, e não havendo partidos, nem lutas de classes, nem questões sociais.

Cada um procuraria servir, e servir o melhor que pudesse. Ascender na escala social, passar de operário a patrão, de subordinado a chefe, de aluno a mestre, mais não seria do que satisfazer a ânsia de servir sempre com maior proveito colectivo.

Não se pensa, ordinariamente assim, por desgraça nossa. Mas foi esta no entanto a palavra do Divino Mestre: «aquêlo dentre vós que for o maior proceda como se fosse o mais pequeno».

Ser pequeno, tornar-se pequeno quando se é grande, é na medida em que se é grande, é palavra dura de ouvir. Mas é este o segredo dos gran-

des homens, porque é o segredo do triunfo. Quem é grande e se faz pequeno vê nos seus irmãos os seus senhores. A êles consagra por isso o seu trabalho, por êles sacrifica o seu descanso, e até lhes dá a própria vida. Há nêle qualquer coisa de divina, o eleva acima dos outros homens.

à luz resplandecente d'este ideal, tudo se transforma a nossos olhos. A fábrica, a oficina, a escola, as organizações sociais, o Município e o próprio Estado apercebem-se como meios de realizar o serviço ao povo, ao Estado e à Nação. E começa-se a compreender então que, se assim não for, antes nada existisse. Servir! Palavra cristã, dinâmica, revolucionária!

Duarte Pacheco compreendeu como poucos o sentido pleno e cristão desta palavra servir. Por isso a sua alma se ia abrindo, pouco a pouco, às divinas claridades. Por isso soube morrer em serviço da Nação.

Perante a sua campã, inclinemo-nos com respeito. E não deixemos perder-se o seu exemplo.

ABEL VARZIM

DE C C vil das